FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **156**
JULHO
AGOSTO 2014

Uma revolução na ópera

neste número pode ler

Dialogues des Carmélites © ROH – Stephen Cummiskey

4

Uma revolução na ópera

No palco da Royal Opera House, quase metade do elenco da ópera *Dialogues des Carmélites* era constituído por pessoas sem qualquer experiência performativa ou artística. Um projeto inédito que contou com voluntários recrutados na comunidade, muitos deles pessoas desfavorecidas da zona metropolitana de Londres, que precisam de motivos para "se levantarem de manhã", como refere o criador da Streetwise Opera, uma das organizações envolvidas no projeto que contou com o apoio da delegação da Fundação Gulbenkian no Reino Unido. Uma reportagem em Londres sobre este modo original de promover a inclusão social.

10

União Europeia e Globalização

Pascal Lamy foi diretor-geral da Organização Mundial do Comércio durante oito anos, até setembro do ano passado, e comissário europeu do Comércio. As suas posições sobre a União Europeia e a globalização estão bem documentadas nos vários livros que escreveu e nos artigos que publicou. No **dia 15 de julho** vem à Fundação Gulbenkian, onde fará uma conferência com o título ***A União Europeia após as eleições – que estratégia na globalização?*** Atual presidente honorário do *think tank* europeu Notre Europe, Lamy será apresentado na sessão por António Vitorino.

Pascal Lamy

13

Sumos Portugal vence FAZ-IOP

Uma engenheira civil, uma arquiteta e uma estudante de Medicina na República Checa, venceram a edição deste ano do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, destinado à diáspora. O projeto intitulado *Sumos Portugal* quer colocar no centro de atividade as pessoas com deficiência que irão preparar e vender sumos naturais, gerando empregos sustentáveis para um segmento da população que é, na maior parte das vezes, excluído socialmente.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER Número 156.julho.agosto.2014 | ISSN 0873-5980
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
Colaboram neste número Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | Sofia Ascenso
Design José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [**DD**LX] **Revisão de texto** Rita Veiga | **Imagem da Capa** *Dialogues des Carmélites* © ROH – Stephen Cummiskey | **Impressão** Greca Artes Gráficas | **Tiragem** 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Anónimo espanhol, *Vista do Real Mosteiro de São Lourenço do Escorial,* primeiro terço do século XVII

15

Tesouros reais de Espanha no Museu Gulbenkian

No ano em que a Espanha proclama um novo rei – Felipe VI –, a Fundação Gulbenkian vai mostrar os tesouros que pertenceram aos vários monarcas dos reinos de Espanha, ao longo de três séculos e meio de história. Cerca de centena e meia de obras, algumas que raramente são expostas fora de Espanha, serão mostradas ao público português na grande exposição *A História Partilhada*, que abrirá portas a **22 de outubro** deste ano.

L.U.M.E. © L.U.M.E.

24

Jazz em Agosto

De **1 a 10 de agosto**, dez concertos no anfiteatro do Jardim Gulbenkian e sete sessões de cinema no Auditório 3, compõem a programação da 31.ª edição do Jazz em Agosto. Este ano, o destaque vai para os guitarristas mais relevantes do jazz contemporâneo e para a presença portuguesa, através do projeto transeuropeu Lisbon Berlin Trio, e da *big band* L.U.M.E. (Lisbon Underground Music Ensemble), de Marco Barroso.

índice

primeiro plano

4 **Uma revolução na ópera**

notícias

10 **A União Europeia e a globalização**

11 **Prémio Gulbenkian 2014**

12 **Prémio Vilalva**

13 **Sumos Portugal vence FAZ-IOP**

15 **Tesouros reais de Espanha no Museu Gulbenkian**

15 **Museus virtuais**

16 **Dia da Criatividade**

18 **Experiência-piloto na Guiné-Bissau**

19 **CISA estuda hemoglobinopatias**

19 **Encontro Internacional da Casa das Ciências**

20 **Aprender práticas científicas**

20 **IGC no Optimus Alive**

21 **breves**

bolseiros gulbenkian

22 **Pedro Gomes**

em julho/agosto

música

24 **Jazz em Agosto**

exposições

28 **Túlia Saldanha**

29 **Arshile Gorky e a Coleção**

30 **Artistas do Próximo Futuro**

31 **Outras exposições**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

34 **Rural architecture in the Chinese taste**

Ensaio do Community Ensemble © ROH – Stephen Cummiskey

Uma revolução na ópera

No final de maio, 167 pessoas subiram ao palco da Royal Opera House para apresentar a já famosa encenação de Robert Carsen de* Dialogues des Carmélites. *Quase metade do numeroso elenco era constituído por voluntários recrutados na comunidade, pessoas desfavorecidas sem qualquer experiência profissional nas artes performativas, num projeto inédito que a Royal Opera desenvolveu em parceria com várias organizações, e que contou com o apoio da Delegação no Reino Unido da Fundação Calouste Gulbenkian. Fomos a Londres assistir ao pré-ensaio geral.

Dialogues des Carmélites © ROH – Stephen Cummiskey

Aos primeiros acordes da música de Poulenc, dirigida por Simon Rattle, uma multidão ameaçadora de "revolucionários" irrompe no palco da Royal Opera House, anunciando a intensidade dos três atos que se seguem. É assim que arranca, cheia de força, a encenação de Robert Carsen de *Dialogues des Carmélites*, a ópera inspirada na história verídica de um grupo de freiras carmelitas, vítimas do período de Terror da Revolução Francesa, que as condenou à guilhotina pelo simples facto de não renunciarem à sua fé. Estreada em 1997 na Ópera de Amesterdão, e depois de arrecadar vários prémios e ser apresentada um pouco por todo o mundo, esta encenação minimal da obra de Poulenc chegou no final de maio à Royal Opera House (ROH), em Londres.

O palco de Covent Garden nunca antes tinha juntado tanta gente num único espetáculo: 14 cantores, 60 elementos do Coro da Royal Opera, 26 atores e 67 outros elementos. Só a encenação que Graham Vick fez na ROH de *Die Meistersinger von Nürnberg*, em 2011, esteve perto de alcançar tal "recorde". Mas esta produção de *Dialogues des Carmélites* trazia outra novidade: os 67 elementos que engrossavam as fileiras de revolucionários não tinham qualquer experiência profissional nas artes performativas. Eram estudantes de teatro, mas também desempregados de longa duração, pessoas que já passaram pelo sistema de justiça penal e outros que já viveram situações extremas de carência de habitação – foram, em algum momento das suas vidas, sem-abrigo. Numa operação de grande fôlego – dir-se-ia mesmo "revolucionária" –, que contou com o apoio financeiro do UK Branch (FCG), a Royal Opera House convidou-os a formar um "*ensemble* comunitário" (community ensemble) e a participar nesta grande produção, com a ajuda de várias organizações e instituições de beneficência.

O palco de Covent Garden nunca antes tinha juntado tanta gente num único espetáculo

"Quisemos fazer uma coisa original que envolvesse as pessoas numa experiência operática", explica Marina Jones,

Dialogues des Carmélites © ROH – Stephen Cummiskey

Eram estudantes de teatro, mas também desempregados de longa duração, pessoas que já passaram pelo sistema de justiça penal e outros que já viveram situações extremas de carência de habitação ou foram, em algum momento das suas vidas, sem-abrigo

gestora de projetos na ROH, durante o intervalo do pré-ensaio geral de *Dialogues des Carmélites*. "Normalmente a nossa equipa educativa foca o seu trabalho nas famílias, nos jovens, e também nos idosos. Portanto, para nós era um desafio trabalhar com 'adultos'. Sabíamos que não era a nossa especialidade, por isso procurámos parceiros com essas competências, que lidam com adultos em circunstâncias difíceis, adultos que poderiam beneficiar deste projeto."

As suas palavras eram entretanto interrompidas pelo interlúdio sonoro que anunciava o retomar do ensaio.
Nessa manhã, a única coisa que denunciava tratar-se ainda de um ensaio eram os comentários pontuais do maestro Simon Rattle, pedindo aos músicos da Orquestra que ajustassem um ou outro aspeto da interpretação. Na assistência estavam elementos da vasta equipa técnica da ROH, mas também os muitos familiares e amigos do *ensemble*. Mais tarde, depois de o pano cair, abrir-se-iam as portas do deslumbrante Paul Hamlyn Hall para uma receção a esses convidados especiais. Foi aí que se brindou e que ficámos a conhecer a dinâmica Hazel Gould. Foi ela que dirigiu os ensaios do *ensemble* durante todo o processo e, durante a receção, multiplicava-se em cumprimentos e felicitações, visivelmente satisfeita com o trabalho alcançado.

Uma máquina bem oleada

"Ainda faltam alguns ensaios antes da estreia, mas não estou nada preocupada com este *ensemble*. Estão sólidos como uma rocha. Sabem o que estão a fazer. Estão empenhados." Hazel Gould está segura, mas assume que havia riscos. "Achei que o grupo podia não ser capaz, não sabia se podia contar com eles, se podia confiar neles, e pensei que haveria imensas desistências." Tudo podia acontecer. Por isso foram recrutadas mais pessoas do que as que eram

Dialogues des Carmélites © ROH – Stephen Cummiskey

necessárias para completar o *ensemble*. Mas até nesse aspeto o grupo superou as expectativas: até à data da estreia, apenas seis pessoas tinham desistido. "Normalmente faço trabalhos com a comunidade, mas isto é diferente de tudo o que já fiz. São pessoas sem qualquer experiência que têm de corresponder a padrões profissionais. Não houve desculpas", continua Hazel, lamentando apenas o facto de ter havido pouco tempo para a convivência entre o elenco profissional e o *ensemble*. "Os ensaios sucediam-se tão rapidamente que não havia tempo para conversa de café" , suspira.

Simon Rattle nos ensaios © ROH – Stephen Cummiskey

Na ROH, "uma máquina bem oleada", foi necessário muita preparação para que os participantes no *ensemble* conseguissem entrar na engrenagem. Antes de ser integrado nos ensaios profissionais, era necessário que o grupo percebesse como funcionavam as provas de guarda-roupa ou as chamadas da direção de cena, por exemplo, mas também era necessário que os participantes se familiarizassem com o jargão técnico utilizado numa produção de ópera.

O processo começou em janeiro com *workshops* que serviam para perceber quem estava realmente interessado em participar num projeto desta natureza. Em fevereiro começavam os ensaios – todas as segundas-feiras à noite, durante seis semanas. E um mês antes da estreia, que aconteceria a 29 de maio, começavam a ensaiar no estúdio da ROH e depois, finalmente, no palco principal.

Foi um trabalho árduo. Hazel Gould dá um exemplo: "Quando vi pela primeira vez o DVD [desta encenação de Robert Carsen], temi o pior: pessoas de pé, imóveis em palco, durante 20 minutos? Sabe que houve atores profissionais noutros países que desmaiaram?"

Afinal, nada disso aconteceu e o público mal se apercebeu de que não estava a ver apenas atores profissionais. "Não queríamos vender este espetáculo com base na participação do *ensemble*, porque esperamos que a qualidade do produto final esteja ao mesmo nível de qualquer outra produção da ROH", diz Marina Jones.

Nas redes sociais, as reações mostram que foi uma aposta ganha. No dia seguinte à estreia, um internauta descrevia o ambiente do espetáculo desta forma: "O público estava de tal forma envolvido que dava para ouvir um alfinete a cair no chão." Outra comentadora contava que a filha fazia parte do *community ensemble*, e que esta tinha sido "uma oportunidade única na vida".

Gary, um dos "revolucionários" que chegou ao projeto através do centro de emprego, onde lhe recomendaram que frequentasse os primeiros *workshops*, nunca antes tinha estado na ópera. "Fiquei arrepiado quando vi a orquestra, e todo o elenco em palco", relata. Na receção que se seguiu ao pré-ensaio geral, admite que o que mais gostou foi de fazer um ar assustador para o público e que a ex-mulher, que nesse dia tinha ido assistir à *performance*, "até chorou". Nada que se estranhe, quando até o maestro Simon Rattle diz sobre a primeira vez que viu uma encenação de *Dialogues des Carmélites*: "Chorei tanto que mal conseguia ver o palco."

Na última cena, capaz de silenciar todas as tosses e papéis de rebuçado, as freiras cantam longamente *Salve Regina, mater misericordiae*. Ouve-se o som da guilhotina, 16 vezes. As carmelitas caem, uma a uma, e no fim não resta senão um nó na garganta.

Transformar o consumo das artes

"Costumo dizer que a ROH ocupa muito espaço no coração de Londres, mas às vezes é difícil encontrar a entrada principal", diz Hazel Gould. É uma verdade metafórica, que expressa o que muitos sentem – falta de acesso às grandes instituições culturais, alegadamente dirigidas às elites. "Projetos como este reforçam o facto de a ROH querer ser uma organização que acolhe as pessoas e que fica entusiasmada quando olha para lá de si própria", continua a diretora assistente da ópera.

Andrew Barnett, diretor do UK Branch da Fundação Gulbenkian, explica a importância do apoio financeiro concedido ao projeto: "É muito interessante a relação entre organizações que fazem produções de grande escala, em particular aquelas que estão sediadas em grandes edifícios e que têm uma pegada importante na ecologia artística do Reino Unido, e organizações mais pequenas, que trabalham com pessoas desfavorecidas, que são altamente inovadoras e têm essa capacidade porque não precisam de gerir estruturas pesadas." O responsável acrescenta que a combinação destes dois tipos de organizações tem um potencial muito forte para a inovação, para "transformar a maneira como consumimos as artes, como pensamos as artes e como participamos nas artes".

Matthew Peacock, que dirige a Streetwise Opera, organização parceira neste projeto, para o qual recrutou 27 voluntários, reforça as palavras do diretor da Fundação, destacando as qualidades desta operação: "Normalmente os grandes teatros de ópera, e as grandes instituições artísticas em geral, têm a sua programação principal e, paralelamente, uma programação educativa com a comunidade, que é muito importante. Essa programação às vezes tem visibilidade, outras vezes não. Mas juntar as duas coisas é muito raro e é um projeto que coloca muitos desafios."

Nascida da discussão gerada em torno do *sound-byte* de um político inglês, que no final dos anos 90 se referiu aos sem-abrigo como "as pessoas em quem se tropeça quando se vai à Royal Opera", a Streetwise Opera é hoje uma organização de mérito reconhecido, com sede em Londres. Nos escritórios da organização que criou em 2002, Matthew Peacock, ex-crítico de ópera que durante muitos anos fez trabalho de voluntariado com os sem-abrigo, conta-nos que a ideia central da Streetwise Opera sempre foi dinamizar um programa de atividades regulares ligado à música, e à ópera em particular, em centros de acolhimento espalhados pelo Reino Unido. "Algumas destas pessoas precisam de motivação para se levantarem de manhã", diz Matthew Peacock. "Isso pode acontecer através da integração numa equipa de futebol ou através da música."

Celest, uma das "revolucionárias" que chegou ao *ensemble* através da Streetwise Opera, conta que estar na ROH foi "uma experiência maravilhosa": "Fez-me sair da concha, e deu-me a perceber que posso misturar-me com os melhores e sobreviver." É a primeira vez que elementos da Streetwise Opera pisam o palco principal da ROH, mas não é a primeira vez que as duas organizações colaboram. Também com o apoio da Fundação Gulbenkian no Reino Unido, nos Jogos Olímpicos em 2012, a Streetwise Opera apresentou na ROH *With One Voice*, uma *performance* realizada no Paul Hamlyn Hall onde se cantou e se leu poesia.

"Fez-me sair da concha, e deu-me a perceber que posso misturar-me com os melhores e sobreviver"

Matthew Peacock sublinha que quem já foi sem-abrigo fica normalmente com a sua autoestima desfeita. "Acham que não vão conseguir fazer mais nada. E uma das medidas do nosso sucesso é o bem-estar das pessoas, fazer com que elas se sintam bem com elas próprias. Às vezes são coisas

Ensaio do Community Ensemble © ROH – Stephen Cummiskey

grandes, outras vezes são coisas pequenas." Por esta organização passam pessoas com histórias muito diferentes, pessoas que se envolvem nestes projetos e que ganham vontade de voltar a contactar com a família e os amigos porque estão orgulhosas do que fizeram. "Acho que a Royal Opera House foi muito corajosa e que pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas envolvidas. Quem sabe o que isto poderá fazer pelos participantes?" ■

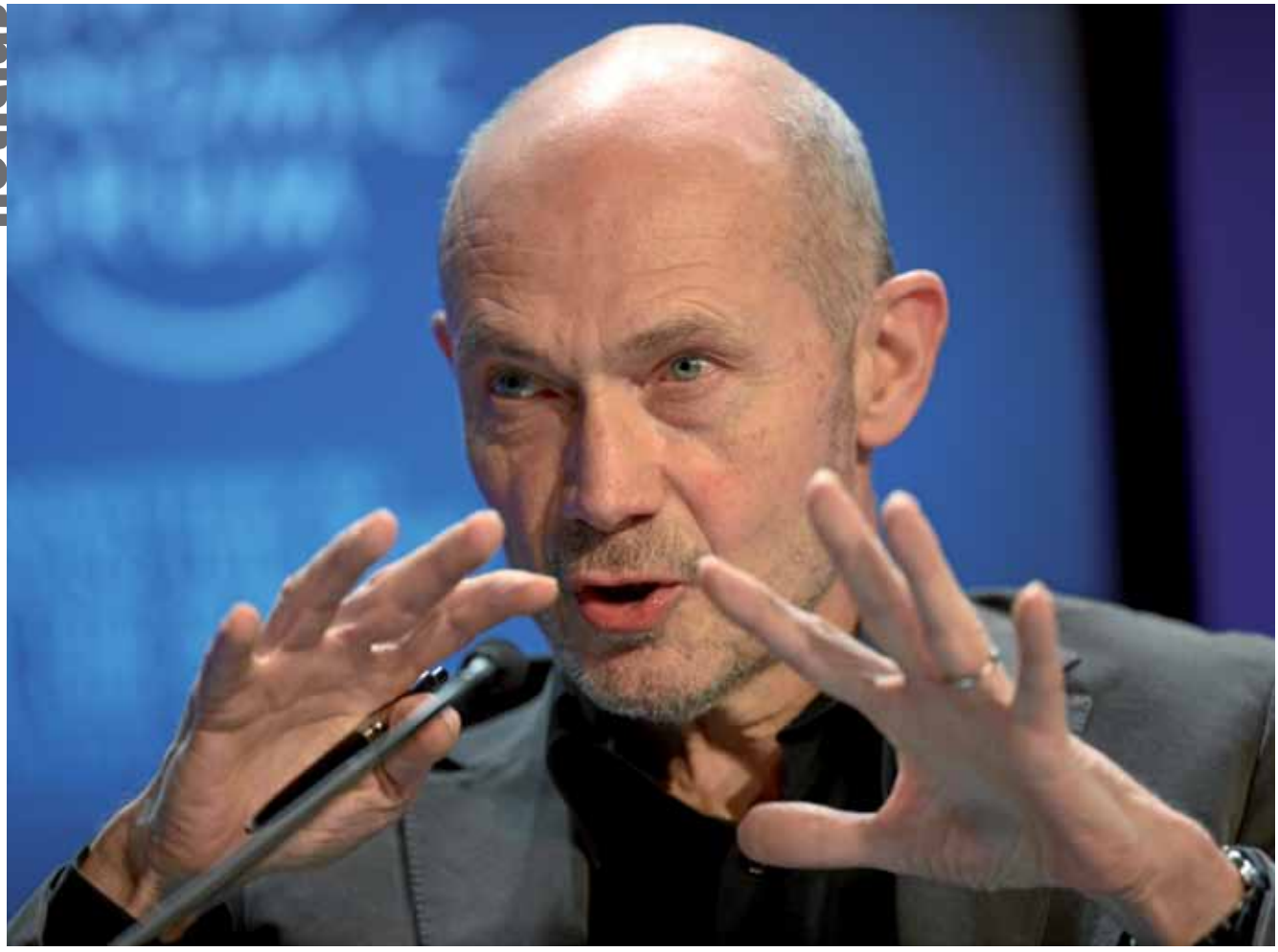
"A Royal Opera House foi muito corajosa e pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas envolvidas"

COMPOSIÇÃO DO *ENSEMBLE*

30% – Streetwise Opera
15% – Synergy Theatre (organização que trabalha com ex-reclusos)
43% – desempregados de longa duração recrutados através do Departamento de Trabalho e Pensões [Department of Work and Pensions]
6% – companhia Clean Break Theatre (organização que trabalha com mulheres em estabelecimentos criminais)
6% – Central School of Speech and Drama

ATIVIDADES PARALELAS AOS ENSAIOS

- Introdução às carreiras profissionais e às oportunidades de trabalho no setor artístico
- Visita guiada aos bastidores da ROH e encontros com profissionais dos vários departamentos: bilheteiras, iluminação, guarda-roupa, etc.
- *Workshop* sobre técnicas de entrevista
- *Workshops* sobre redação de CV e candidaturas a empregos



Pascal Lamy © World Economic Forum

A União Europeia e a Globalização

Pascal Lamy, o antigo diretor-geral da Organização Mundial de Comércio (OMC) e autor de várias obras sobre a integração europeia, vem à Fundação Calouste Gulbenkian falar sobre o estado atual da União Europeia face aos desafios da mundialização. A conferência intitula-se ***A União Europeia após as eleições – que estratégia na globalização?*** e terá lugar no dia **15 de julho**, pelas 18h, no Auditório 2 da Fundação, numa organização conjunta da Fundação Gulbenkian e da Notre Europe – Institut Jacques Delors, associação de que é presidente honorário. A apresentar Pascal Lamy estará o antigo comissário europeu e membro da Notre Europe, António Vitorino.

Pascal Lamy esteve à frente da OMC de setembro de 2005 a setembro de 2013, depois de ter passado nove anos como chefe de gabinete do presidente da Comissão Europeia Jacques Delors. Toda a sua carreira tem sido pautada pela defesa da integração europeia, confirmada nas várias obras que publicou sobre os temas europeus e da globalização. Durante os seus dois mandatos à frente da OMC, Lamy defendeu a importância do comércio mundial no desenvolvimento dos então chamados "países do Terceiro Mundo", numa visão mais integrada do mundo e do seu crescimento.

Notre Europe

Esta conferência é organizada em parceria com a associação Notre Europe, um *think tank* europeu fundado por Jacques Delors. No ano passado, a Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu uma parceria com esta associação de modo a contribuir para melhorar o processo europeu de integração. A Fundação Gulbenkian e a Notre Europe organizarão três eventos anuais em Bruxelas, Paris e Lisboa, bem como um programa conjunto de atividades, até 2015. ■

Prémio Gulbenkian 2014

No ano em que a Fundação completa 58 anos é entregue o terceiro Prémio Calouste Gulbenkian que distingue pessoas ou instituições, nacionais ou internacionais, que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana. Criado em 2012, o Prémio Calouste Gulbenkian substituiu os cinco prémios Gulbenkian, atribuídos entre 2007 e 2011, nas áreas dos Direitos Humanos e Ambiente, da Arte, Ciência, Beneficência e Educação.

A cerimónia de entrega do Prémio 2014 realiza-se no dia **21 de julho, às 18h**, na Fundação Gulbenkian. O vencedor do prémio, no valor de 250 mil euros, sairá de um conjunto de cerca de 70 nomeações recebidas, sobretudo referentes a projetos internacionais. A cerimónia deste dia incluirá ainda o lançamento do livro coordenado por Nuno Grande sobre os 30 anos do Centro de Arte Moderna, e a atuação do Coro Gulbenkian, a celebrar 50 anos de vida.

As duas anteriores edições

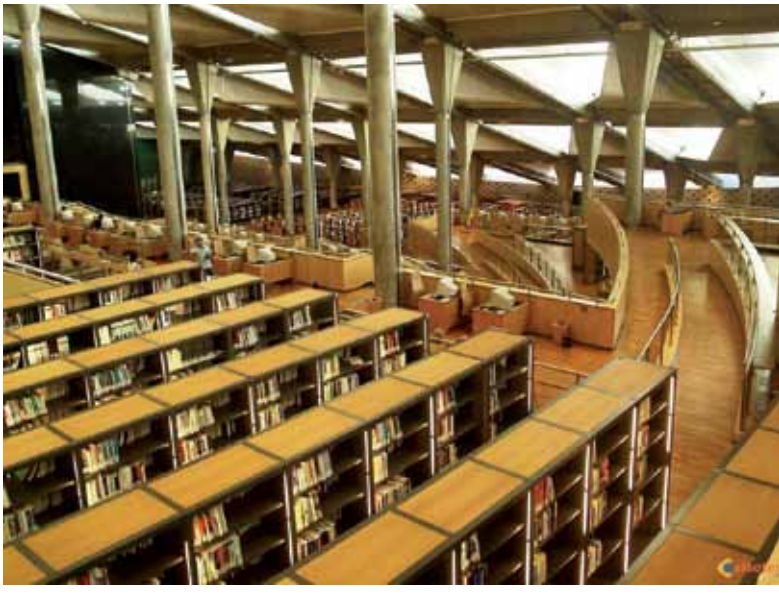
No ano passado, o júri presidido por Jorge Sampaio, atribuiu o Prémio Calouste Gulbenkian à Biblioteca de Alexandria, um dos mais prestigiados centros de conhecimento a nível mundial que completava uma década de existência, e também ao seu diretor Ismail Serageldin, "académico e dirigente cultural de excelência", que também lidera os centros de investigação e os museus associados à Biblioteca. O júri considerou a Biblioteca de Alexandria um centro de aprendizagem, tolerância, diálogo e compreensão entre culturas e povos, bem como uma instituição líder da era digital.

Na primeira edição, em 2012, foi premiada a West-Eastern Divan Orchestra, criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim e que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes. O principal objetivo da West-Eastern Divan Orchestra é ajudar a ultrapassar as barreiras e os conflitos históricos entre israelitas e palestinianos, fomentando o gosto pela música.

Na altura, Jorge Sampaio lembrou o papel da West-Eastern Divan Orchestra "na celebração do valor do diálogo intercultural e do seu contributo para a harmonia e a paz", valores sempre defendidos por Calouste Gulbenkian. ■

www.gulbenkian.pt

West Eastern Divan Orchestra © Luis Castilla



Biblioteca de Alexandria

Prémio Vilalva

O Prémio Vasco Vilalva para a recuperação e valorização do património foi entregue em junho ao projeto de requalificação das salas de exposição da coleção de arte do Museu do Caramulo. O Prémio, na sua sétima edição, destaca anualmente um contributo importante no domínio da recuperação do património.

A distinção surge numa altura em que o Museu comemora 60 anos de existência e se propõe valorizar as mais de 500 obras que compõem o seu acervo, através de um projeto de modernização das salas de exposição e de atualização do discurso museográfico, num projeto da arquiteta Teresa Nunes da Ponte. Na cerimónia de entrega do prémio, o presidente da Fundação Gulbenkian destacou o carácter de "humanista notável, homem de cultura e filantropo" que foi Vasco Vilalva e o seu papel na preservação do património. Ao mesmo tempo, Artur Santos Silva sublinhou o carácter único do prémio atribuído este ano ao Museu do Caramulo que apresenta uma coleção de arte que é "um valioso retrato de época e um testemunho do gosto cosmopolita dos seus fundadores, João e Abel de Lacerda".

Iniciada em 1953 por Abel de Lacerda e totalmente constituída por doações, a coleção do Museu do Caramulo é um caso absolutamente único no contexto museológico português, resultando de um invulgar gesto filantrópico coletivo, ímpar em Portugal e raríssimo no mundo. A determinação e capacidade de persuasão do fundador permitiu-lhe reunir obras de arqueologia, escultura, pintura, desenho, gravura, mobiliário, cerâmica, tapeçaria, têxteis, ourivesaria, joalharia, vidros e esmaltes, desde o Antigo Egito até aos seus dias, doadas por colecionadores, mecenas, artistas, amigos e ainda por algumas empresas. Ficaram célebres as visitas que realizou aos ateliês de Salvador Dali, Pablo Picasso e Fernand Léger, de onde saiu com obras oferecidas por estes artistas para a coleção.

Tiago P. Gouveia, diretor do Museu do Caramulo, com o presidente da Fundação Gulbenkian © Márcia Lessa

Esta coleção invulgar levou o júri constituído por António Lamas, José Sarmento de Matos, José Pedro Martins Barata, Dalila Rodrigues e Rui Esgaio, a atribuir o prémio ao projeto de requalificação das salas de exposição pelo "criterioso respeito pelo edifício e museografia originais", assinalando ainda o papel essencial que este Museu vem desempenhando como "polo dinamizador da vida cultural da região".

Teresa Nunes da Ponte, autora do projeto © Márcia Lessa

Prémios anteriores

O Prémio Vasco Vilalva foi atribuído pela primeira vez em 2007, ao projeto de Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço, em Lisboa. Em 2008, foi distinguido o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja pelos projetos Monumento Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo. Em 2009, foi premiada a recuperação das ruínas romanas de Ammaia, em Marvão; e, no ano seguinte, a Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na recuperação da Igreja do Sacramento, no Chiado, em Lisboa. Em 2011 o júri distinguiu o projeto de recuperação de um edifício pombalino na Baixa de Lisboa, da autoria do ateliê José Adrião Arquitetos; e, em 2012, escolheu um projeto açoriano de requalificação e musealização de um conjunto escultórico do século XIX, o Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse. ■

Piedade Colaço, Teresa da Cunha, Sara Carmo, Daniel Marques Cunha, o Presidente da República e Filipe Santos, do Júri © Carlos Porfírio

Sumos Portugal vence *FAZ Ideias de Origem Portuguesa*

Criar uma rede de pontos de venda de sumos naturais, empregando na sua cadeia de produção pessoas com deficiência, é o que propõe o projeto vencedor da 3.ª edição do concurso Ideias de Origem Portuguesa

Promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian desde 2010, o objetivo do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa é encontrar e apoiar projetos de empreendedorismo social, desenvolvidos por cidadãos portugueses na diáspora, nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, Inclusão Social, Diálogo Cultural e Envelhecimento. O vencedor desta edição foi o projeto Sumos Portugal. No segundo e terceiro lugares ficaram, respetivamente, os projetos Salva a Lã Portuguesa e Plantei.eu. Os três vencedores vão receber, no seu conjunto, um total de 50 mil euros para a implementação dos seus projetos no terreno.

Os prémios foram entregues pelo Presidente da República, no dia 6 de junho, numa cerimónia realizada na Fundação Calouste Gulbenkian.

Desenvolvido por Teresa da Cunha, de 23 anos, atualmente a estudar Medicina na República Checa, por Piedade Colaço, engenheira civil de 27 anos, e por Sara Carmo, arquiteta de 27 anos, o projeto Sumos de Portugal teve como motivação Daniel Marques Cunha, de 35 anos, com limitações físicas derivadas de complicações no parto. O também arquiteto acabaria por protagonizar o momento mais emocionante da sessão, quando subiu ao palco com a restante equipa para receber o prémio das mãos do Presidente da República. No seu discurso de agradecimento, reforçando as dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta no mercado de trabalho, afirmou: "Não é por uma pessoa ser diferente que não é capaz de produzir. Um cidadão diferente tem direitos e tem deveres. E o meu dever é participar ativa-

mente na sociedade." As suas palavras valeram-lhe uma ovação de pé de toda a sala.
Utilizando como elemento central pessoas com deficiência que irão preparar e vender os sumos naturais, o projeto Sumos de Portugal pretende assim gerar empregos sustentáveis para um segmento da população que é, na maior parte das vezes, excluído socialmente. "As pessoas com deficiência tornam-se assim criadoras de valor e embaixadoras de uma alimentação saudável, quebrando preconceitos e promovendo a inclusão social", lê-se na apresentação do projeto.

Lã portuguesa e biodiversidade das sementes

O segundo prémio foi entregue ao projeto Salva a Lã Portuguesa, do músico Filipe Raposo, atualmente a residir em Estocolmo, das arquitetas Mafalda Pacheco e Egle Bazaraite, e ainda da engenheira de materiais Sara Lucas. A ideia desta equipa é que a lã das ovelhas portuguesas, um ativo natural que tem perdido o seu valor comercial e que tem sido desaproveitado, seja comprada aos produtores e que sejam formadas pessoas para a fiar. O passo seguinte será criar uma loja *online* onde serão vendidos os novelos deste produto nacional, que vai arrancar com lã merina e campaniça, proveniente de 35 ovelhas "recrutadas" no Alentejo. O objetivo é também sensibilizar pastores e donos de rebanhos de várias zonas do país para o valor da lã, encorajando-os a ganhar autonomia, transformando e vendendo os seus produtos de acordo com as regras do comércio justo.
Em terceiro lugar, ficou Plantei.Eu, do engenheiro do Ambiente e gestor de projetos Gualter Baptista, em conjunto com mais sete amigos. Gualter, de 34 anos, vive na Alemanha e tem como objetivo criar uma plataforma *online* onde as pessoas possam partilhar conhecimentos e experiências na temática da agricultura biológica, mas também trocar sementes e encontrar todas as informações sobre a plantação das mesmas. Será "uma espécie de Wikipedia para quem quer uma horta na varanda, no terraço ou mesmo numa vertente mais profissional", disse o ideólogo deste projeto ao jornal *Público*, afirmando que o objetivo é contrariar a "perda enorme de diversidade agrícola a que assistimos, com 80 por cento do mercado de sementes concentrado em seis empresas".

O potencial da diáspora

A edição de 2014 do Concurso FAZ-Ideias de Origem Portuguesa recolheu 64 novas ideias de empreendedorismo social, envolvendo 248 participantes de 22 países. Promovida conjuntamente pela Fundação Calouste Gulbenkian e a Cotec Portugal, a iniciativa FAZ reúne o concurso Ideias de Origem Portuguesa (FCG) e o Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa (Cotec).
Na cerimónia de entrega dos prémios, Artur Santos Silva destacou o potencial das diásporas como motor de desenvolvimento e de aproximação de comunidades. "As diásporas são hoje responsáveis pela introdução nos países de origem de novas ideias, pela aceleração de processos de internacionalização, pela facilitação de contactos, pela criação de redes de confiança e proximidade", afirmou o presidente da Fundação Gulbenkian, relembrando ainda que, devido ao FAZ, já regressaram a Portugal muitos jovens portugueses, contrariando assim um movimento inverso de migração duma geração altamente qualificada. Também o presidente da Cotec, João Bento, assinalou no seu discurso "estar muito longe de esgotado" o potencial de contribuição da Diáspora Portuguesa para o desenvolvimento do nosso país, reforçando que "mobilizar todo esse potencial é hoje mais importante do que nunca".

Lá se pensam, cá se fazem

Lançado em 2010 pela Fundação Gulbenkian sob o lema "Lá se pensam, cá se fazem", o concurso Ideias de Origem Portuguesa teve como vencedor da sua primeira edição o projeto do arquiteto José Paixão, então residente em Viena: reabilitação a custo zero de edifícios devolutos. O Arrebita! Porto é hoje um caso de estudo enquanto modelo inovador de promoção de reabilitação urbana e terá a sua primeira obra pronta a devolver à sociedade no final deste verão.
Já em 2013, o projeto vencedor foi a criação da Orquestra XXI, que reúne jovens músicos portugueses espalhados pelas melhores orquestras mundiais. Esta orquestra tem realizado digressões regulares no nosso país com grande sucesso, e abrirá este ano a temporada de Música da Fundação Gulbenkian.
Na 2.ª edição do concurso, em 2013, foram ainda distinguidos os projetos Fruta Feia (2.º lugar) e Rés-do-Chão (3.º lugar). A Fruta Feia é hoje uma cooperativa de consumo que evita semanalmente o desperdício de cerca de uma tonelada de frutas e legumes que, apenas por razões estéticas, não entram nos canais tradicionais de distribuição. O projeto tornou-se um exemplo de boas práticas com ampla difusão nos *media* internacionais, entre os quais o *The New York Times*, *Washington Times*, *Le Monde* e *El Pais*, e com hipótese de replicação noutros países e noutros contextos. Já o projeto Rés-do-Chão propunha uma solução de reaproveitamento dos espaços térreos não usados em Lisboa, e inaugurou no início de junho o seu primeiro espaço dedicado às indústrias criativas. ■

Tesouros reais de Espanha no Museu Gulbenkian

Uma coleção de tesouros dos palácios reais de Espanha vai estar em exposição no Museu Gulbenkian, a partir de **22 de outubro**. Ao todo são cerca de centena e meia de obras de arte que pertenceram a monarcas dos vários reinos de Espanha, ao longo de cerca de três séculos e meio, desde Isabel, *a Católica* até Isabel de Bragança, mulher de Fernando VII, a quem se deve a fundação do Museu do Prado. Intitulada *A História Partilhada. Tesouros dos palácios reais de Espanha*, a mostra constitui um fascinante olhar sobre o colecionismo e o mecenato praticados continuadamente pelos reis como instrumento ideológico do poder e afirmação da Coroa na Idade Moderna. Logo no início, o visitante deparar-se-á com um livro classificado como Tesouro Nacional, As Cantigas de Santa Maria, que reúne poesias escritas em galaico-português e notações musicais, ilustradas com iluminuras de grande importância iconográfica: arquiteturas, músicos com os seus instrumentos, cenas de corte, etc. Parte das notações musicais e alguns poemas são da autoria de Afonso X, *o Sábio*, rei de Leão e Castela. O empréstimo deste códice à Fundação Calouste Gulbenkian tem um carácter de exceção, dado constituir uma das obras mais preciosas do património medieval peninsular e da Biblioteca do Real Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

Doménikos Theotokópoulus, El Greco (1541-1614), *A Adoração do nome de Jesus*

A exposição resulta de uma proposta do Património Nacional de Espanha, instituição a quem compete a preservação de um dos legados culturais mais importantes do património do país vizinho, tão próximo e tão desconhecido dos portugueses.

A exposição inclui um conjunto valioso de obras, muitas das quais fruto das relações políticas e matrimoniais entre as duas monarquias ibéricas da Idade Moderna, e poderá ser vista de 22 de outubro a 25 de janeiro de 2015. ■

Museus virtuais

No âmbito do projeto de investigação Unplace, estão abertas até **31 de agosto** as candidaturas para propostas artísticas que questionem as possibilidades de criação e receção da obra de arte num espaço expositivo puramente virtual e em rede – um "museu sem lugar". O objetivo é reunir um conjunto de propostas artísticas para projetos *web specific* inéditos.

O projeto Unplace, que conta com o apoio do Próximo Futuro, pretende discutir de forma alargada o conceito de museografia intangível e das exposições de arte contemporânea especificamente produzidas para contextos virtuais e em rede. Os autores cujas propostas forem selecionadas serão convidados a desenvolver os seus projetos em diálogo com os comissários da exposição virtual que será organizada em 2015 pelo Próximo Futuro.

Para debater as mutações e continuidades que a Internet produziu na criação contemporânea, o projeto Unplace organiza ainda este ano, na Fundação Calouste Gulbenkian, a conferência internacional *Espaços Incertos: Configurações Virtuais nos Museus e na Arte Contemporânea* (31 de outubro e 1 de novembro). ■

Mais informações: **http://unplace.org**

Dia da Criatividade

Seiscentas crianças de escolas básicas de Lisboa, Cascais, Vila Franca de Xira e Esposende participaram em junho no Dia da Criatividade. Espetáculos de dança, teatro e música, *performances* literárias e musicais, oficinas de contos, fizeram parte do programa deste dia, em que houve também lugar para a exposição dos livros vencedores da iniciativa Pequeno Grande ©.

Dezasseis obras, produzidas por alunos e professores em sala de aula, estiveram expostas no átrio dos congressos da Fundação. O Pequeno Grande © é uma iniciativa da Agecop – Associação para a Gestão da Cópia Privada e da Fundação Calouste Gulbenkian, que procura premiar a singularidade e a originalidade de livros de autor criados no âmbito de uma turma escolar, por jovens entre os 6 e os 12 anos. ■

Fotografias de Rodrigo de Souza

Experiência piloto na Guiné-Bissau

Um Estado é considerado "frágil", segundo o Banco Mundial, por ter "políticas, instituições e governos fracos" ou, de acordo com a OCDE, pela "incapacidade de garantir a segurança, o governo e a redução da pobreza da população". A Guiné-Bissau é um exemplo de Estado frágil pela falta de capacidade em providenciar serviços básicos à população.

O projeto **Processos comunitários de desenvolvimento em Estados frágeis – uma experiência-piloto na Guiné-Bissau**, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, juntou na região de Cacheu, no Noroeste da Guiné-Bissau, nas áreas sanitárias de Cachungo e de S. Domingos, as organizações não governamentais de desenvolvimento (ONGD) portuguesas VIDA – Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano e FEC – Fundação Fé e Cooperação, e as unidades de bioestatística e informática da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Este projeto-piloto procurou colaborar com o Estado na definição de estratégias e políticas públicas na área da educação para a saúde, centradas nas doenças tropicais negligenciadas (DTN).

Através das escolas e nas comunidades, o trabalho destas ONGD consistiu na sensibilização de agentes comunitários, professores, encarregados de educação e alunos para as questões ligadas à educação para a saúde. A importância de lavar as mãos, a desparasitação, a higiene e desinfeção das latrinas, bem como o estado de fontes e outros postos de abastecimento de água são questões que as ONGD avaliaram e identificaram em conjunto com oito comissões de escolas destas regiões guineenses, para, através de pequenas mudanças nos comportamentos, pensar em soluções conjuntas de promoção de higiene e combate às DTN.

No caso desta experiência-piloto na Guiné-Bissau, as mudanças que decorreram no seio das escolas foram determinadas pela própria comunidade escolar e encarregados de educação, que decidiram o tipo de intervenções a realizar. Através da dinamização junto das comunidades e famílias, foram também realizados planos de ação nas suas tabancas [povoações ou localidades], com o apoio da VIDA e da FEC.

Ambas as ONGD trabalharam 24 meses com as oito comunidades, que realizaram um intercâmbio com comunidades vizinhas, o que lhes permitiu partilhar as experiências das suas tabancas. No âmbito deste projeto, foi produzido o **manual de educação para a saúde *Nha Saude na Nha Mon***, destinado a professores e agentes comunitários, e foi produzido um conjunto de programas de rádio, um meio com enorme impacto no país. Este projeto incluiu uma parceria com a emissora católica guineense Sol Manci, com programas semanais de 20 minutos dedicados à sensibilização da população para as questões de higiene associadas às DTN, emitidos em três dialetos diferentes, crioulo, manjaco e felupe.

No terreno, junto das populações e das escolas foram recolhidos dados estatísticos que estão a ser tratados pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, dados esses que vão resultar em publicações científicas. ■

CISA estuda hemoglobinopatias

O Centro de Investigação em Saúde de Angola – CISA vai estudar, durante dois anos, a prevalência das principais hemoglobinopatias nas crianças nascidas na Maternidade do Hospital Geral do Bengo (Caxito). As hemoglobinopatias são doenças hereditárias provocadas por alterações na síntese de cadeias de globina e que, se não forem diagnosticadas e tratadas a tempo, causam a morte nos primeiros anos de vida (Weatherall *et al.*, 2006). Os programas de rastreio têm por objetivo atenuar os efeitos da deficiência detetada.

O projeto do CISA "Epidemiologia das hemoglobinopatias: variabilidade genética da hemoglobina e de enzimas eritrocitárias na Província do Bengo" envolve também a parceria com o Hospital Geral do Bengo e prevê a formação de enfermeiros nesta área.

Iniciado em abril, este projeto já atingiu 72 por cento da recolha de colheitas de sangue para papel de filtro e do cordão umbilical às crianças nascidas na maternidade, em parto normal. No que diz respeito aos resultados laboratoriais, as análises preliminares indicam que cerca de um terço da população nascida na maternidade neste mês apresenta alguma alteração na estrutura da hemoglobina, o que poderá ser complicado nos primeiros anos de vida. Deste modo, as consultas trimestrais de seguimento ao longo de dois anos virão auxiliar as famílias em todo este processo. ■

Encontro Internacional da Casa das Ciências

De **14 a 16 de julho**, o Instituto Superior de Engenharia do Instituto Politécnico do Porto recebe um encontro sobre *Ensino e Divulgação da Ciência no Mundo Digital do Início do Século XXI*.

Durante estes três dias, a relação entre o ensino e o mundo digital vai ser debatida e estudada através de conferências e *workshops*, num encontro organizado pela Casa das Ciências. A Casa das Ciências – Portal Gulbenkian para Professores é um projeto apoiado pelo Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, que pretende reforçar a qualidade do ensino básico e secundário nas áreas das Ciências, Biologia, Física, Geologia, Matemática e Química, através de materiais didáticos *online* dirigidos a docentes. ■

Inscrições em **www.casadasciencias.org**

Aprender práticas científicas

O 12.ºA da Escola Secundária da Cidadela, em Cascais, respondeu ao desafio lançado pela unidade de Comunicação de Ciência do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) para elaboração de um miniprojeto científico passível de implementar em laboratório, na iniciativa LabEscolas. Durante o ano letivo que agora terminou, os alunos tiveram de formular uma pergunta sobre a qual iriam centrar a sua proposta e trabalhar em grupo para propor experiências que pudessem responder a essa pergunta. Durante a elaboração da proposta, receberam o apoio consultivo dos cientistas e do grupo de Comunicação de Ciência do IGC, e no final do ano letivo defenderam a sua proposta de projeto científico em frente da comunidade científica do instituto. Os projetos discutidos e as apresentações dos alunos convenceram pela sua qualidade e o desafio foi completamente superado.

Os três primeiros classificados no LabEscolas tiveram como prémio a realização de um estágio de uma semana no IGC. Esta iniciativa procura promover o interesse dos alunos por ciência moderna e práticas científicas e desenvolver o seu espírito crítico.

O projeto LabEscolas foi financiado pela Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica – Ciência Viva no âmbito do concurso "Escolher Ciência: da Escola à Universidade". ■

IGC no Optimus Alive

Ciência e música estão, mais uma vez, de mãos dadas no festival Optimus Alive'14. Cientistas do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) estarão presentes no festival, no espaço IGC, para levar aos amantes da música um pouco da ciência que fazem através do habitual *speed dating* e da extração de ADN de fruta.

O primeiro dia do festival é também assinalado com a abertura do concurso a duas bolsas de investigação científica Optimus Alive-IGC que permitirão a jovens recém-licenciados desenvolver projetos de investigação na área de Genética de Populações, Conservação e Biodiversidade, e Genética e Evolução. As candidaturas às bolsas de investigação decorrem até **15 de setembro**. As bolsas e a participação do IGC no Optimus Alive'14 resultam de uma parceria estabelecida com a promotora do festival, Everything is New, em 2008.

A edição deste ano do decorre de 10 a 12 de julho no Passeio Marítimo de Algés. ■

© João Miller Guerra

Orquestra Geração em concerto ao ar livre

O Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian vai ser o palco para mais um concerto anual do projeto Orquestra Geração. No dia **12 de julho**, **às 18h30**, 150 crianças e jovens de vários municípios da área metropolitana de Lisboa serão dirigidos pelo maestro venezuelano Ulysses Ascânio. Neste espetáculo, de entrada livre, comemora-se o encerramento do estágio de verão no qual participaram estes potenciais músicos do futuro, e vão ser interpretadas obras de Tchaikovsky, Bizet, Haendel, Dvorak, Mussorgsky, Ginastera, Manuel Artés e Carlos Garcia. ■

Venda de bilhetes para a Gulbenkian Música

Decorrido o prazo para a renovação e venda de novas assinaturas, inicia-se, em julho, a venda de bilhetes por correspondência (1 a 10 de julho), e pela internet (a partir de 28 de julho). Num ano em que o Coro Gulbenkian comemora meio século de existência, são muitos os motivos de interesse de uma temporada que terá um total de 175 espetáculos, incluindo um dia muito especial de portas abertas para o público festejar com o Coro o seu aniversário. Com a Orquestra e o Coro Gulbenkian a dominarem as apresentações, o Grande Auditório da Fundação acolherá intérpretes, formações e companhias de excelência, no âmbito dos seus habituais ciclos, numa temporada que se estende até finais de maio de 2015. A venda direta de bilhetes tem lugar a partir de 1 de setembro. Mais informações em www.musica.gulbenkian.pt ou pelo telefone: 217823700. ■

Coro e Orquestra Gulbenkian na Opéra Comique

O Coro e Orquestra Gulbenkian atuaram em junho passado, com grande sucesso, na Opéra Comique, em Paris, num concerto intitulado *Légende d'Arménie*. Dirigido pelo maestro francês Alain Altinoglu e com os cantores Naïra Abrahamyan (soprano), Stella Grigorian (meio-soprano) e Wiard Witholt (barítono), foram tocadas obras de Serguei Prokofiev, Aram Khatchatourian e de Garbis Aprikian. Este concerto pode ser visto na Culturebox da Francetv, o portal cultural daquele canal francês, até dia 7 de dezembro. ■

*Pedro Gomes | 23 anos | música **

"Portugal é um país com muito potencial"

De que forma o facto de ter nascido numa família de músicos influenciou o seu percurso?
Estive sempre rodeado de música em casa. Tenho três irmãs e um irmão, todos eles músicos profissionais, que me contagiaram com esta paixão pela música. O facto de o meu pai ter uma loja de instrumentos musicais, e de agora termos também um conservatório oficial de música – ArtEduca, tudo isto influenciou de uma maneira muito positiva o meu percurso musical.

Como surgiu o interesse pelo piano?
Foi surgindo muito naturalmente. Como já disse, a música foi sempre uma constante na minha família, mas foi também uma fonte de alegria. Aos quatro anos, comecei por tocar em pequenos teclados num curso para crianças muito pequenas intitulado "Estrelita". Era um curso da Yamaha que o meu pai lecionava na nossa loja de instrumentos musicais. A partir daí, a paixão pelo piano foi crescendo sem eu dar conta, até que um dia pensei: "É mesmo isto que eu quero fazer!"

Porque escolheu o Royal College of Music e como está a ser a experiência?
A principal razão foi a oportunidade de poder trabalhar com o meu atual professor de Piano – Dmitri Alexeev. Para além disso, é uma universidade absolutamente fantástica, onde se pode aprender todo o tipo de coisas relacionadas com a música, desde uma sonata de Beethoven ate à composição de música para filmes. Tem sido uma experiência espetacular. Londres é também uma cidade fascinante. O facto de viver numa cidade tão ativa e tão multicultural é algo que me fascina todos os dias. É uma sorte e um privilégio poder viver numa cidade com tanta variedade de culturas, religiões e centenas de línguas diferentes que são faladas a toda a hora por todo o lado. Tudo isto é muito enriquecedor.

Royal College of Music, Londres

Como é trabalhar com o pianista Dmitri Alexeev?
Trabalhar com ele é simplesmente um privilégio; saio sempre no fim das aulas com uma inspiração enorme. Dmitri Alexeev é um artista com uma tremenda experiência e um músico absolutamente fenomenal que põe a música sempre em primeiro lugar. Prepara os seus alunos para serem verdadeiros músicos e artistas em palco.

Quais as diferenças entre tocar para o público inglês e para o público português?
Na minha opinião, a música é tão universal que pouco depende de o público ser inglês ou africano para que a mensagem seja transmitida. No entanto, há algumas diferenças e talvez a mais relevante seja a existência de um maior silêncio nas salas por parte do público inglês. É também um público com mais tradição de idas a concertos e, em geral, muito bem informado e educado. Penso que o público português é menos formal e mais jovem, o que me agrada imenso também. Não há nada como tocar para um público com alma jovem e aberta a tudo.

Imagina o seu futuro como músico em Portugal?
É sempre uma possibilidade em aberto. Portugal é um país com muito potencial. Imagino o meu futuro como músico em diferentes países da Europa e Portugal não fica de fora. É um país lindo com pessoas fantásticas, onde investir na carreira musical pode ser arriscado, mas se for feito com muita qualidade e muito respeito pelo público, acho que se podem conseguir feitos maravilhosos na cultura portuguesa. ■

** Bolsa de Estudo – Mestrado em Piano na Royal College of Music, Londres*

música

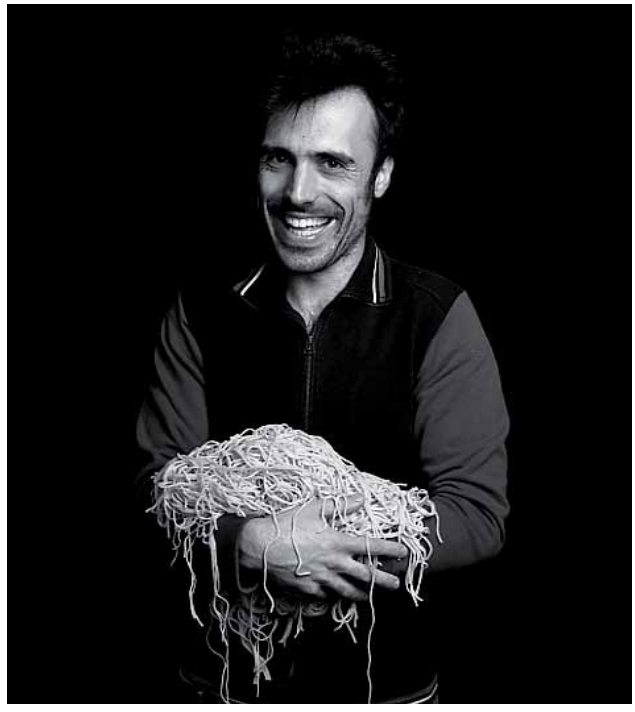
Jazz em Agosto 2011

Verão na Fundação Calouste Gulbenkian já é sinónimo de Jazz em Agosto. Na sua 31.ª edição, de 1 a 10 de agosto, o festival apresenta uma programação recheada de nomes fortes, com sete sessões de cinema e dez concertos no Anfiteatro ao Ar Livre, e especial destaque para alguns dos guitarristas mais marcantes no jazz contemporâneo.

James "Blood" Ulmer, juntamente com a sua **Memphis Blood Blues Band** e a participação de **Vernon Reid**, vai ser o primeiro a pisar o palco do Jardim Gulbenkian para esta edição do Jazz em Agosto. O veterano, que se pode orgulhar de ter sido o primeiro guitarrista de sempre a ser convidado a tocar com Ornette Coleman, dá assim o mote para 10 dias consecutivos de concertos. Ainda no que diz respeito a guitarristas, destaque para as atuações de **Ceramic Dog**, a banda "rock" de **Marc Ribot** – muitas vezes considerado um dos grandes responsáveis pela mudança de sonoridade de Tom Waits no álbum clássico *Rain Dogs* – e a presença a triplicar de **Fred Frith**, que irá apresentar-se em três concertos com três projetos diferentes, dois deles com os também repetentes **Joëlle Léandre** e **Hamid Drake** – uma oportunidade rara para desfrutar de toda a criatividade destes músicos.

Os metais também vão ocupar um espaço importante no Jazz em Agosto, com a presença do trompetista **Franz Hautzinger**, com o seu grupo **Big Rain**, e a atuação do conceituado saxofonista britânico **Evan Parker**, em duo com o pianista norte-americano **Matthew Shipp**.

Na edição deste ano, a presença portuguesa vai ser assegurada pelo projeto transeuropeu do guitarrista **Luís Lopes**, o **Lisbon Berlin Trio**, e ainda, no concerto de encerramento, com a atuação da *big band* **L.U.M.E.** (Lisbon Underground Music Ensemble), de **Marco Barroso**.



Marco Barroso © Manuel Luís Cochofel

A responsabilidade de ser o último

Marco Barroso tem noção do peso que representa a tarefa de fechar o Jazz em Agosto: "É o concerto com mais *profile* que nós já fizemos e por isso estamos a trabalhar para dar o nosso melhor." Não só pela importância do festival, mas também pelo facto de estar num cartaz com referências como Evan Parker e Fred Frith, o compositor e líder do **L.U.M.E.** garante que "as expectativas são altas".

O concerto de dia 10 vai ser uma oportunidade para ver um dos conjuntos de instrumentistas mais interessantes do nosso país. Quinze músicos com passados diferentes para

dar vida ao imaginário de Marco Barroso. Para interpretar as criações multifacetadas do também pianista foi preciso procurar em diferentes campos da música portuguesa, com destaque para um fator: a improvisação. "Embora não sejam todos improvisadores de raiz, de alguma maneira todos se relacionam com a improvisação. Há um núcleo mais ligado à improvisação, com formação mais ligada ao jazz, e outro mais ligado à clássica, mas no geral temos ali gente com experiência em muita coisa, também na música experimental, no pop, no rock."
E assim nasce uma *big band* com a sonoridade menos *big band* que se possa imaginar. Longe do *swing* associado habitualmente a este tipo de grupos, o L.U.M.E. viaja por territórios como o rock, o jazz, o *funk* e a música contemporânea. Estarão em palco no Anfiteatro ao Ar Livre no dia 10 de agosto, às 21h30. ■

Música Programa
Anfiteatro ao ar livre | 21h30

1 AGOSTO | SEXTA
James 'Blood' Ulmer Memphis Blood Blues Band
Feat. Vernon Reid
EUA

James 'Blood' Ulmer *guitarra elétrica e voz*
Vernon Reid *guitarra elétrica*
Charles Burnham *violino*
Leon Gruenbaum *teclados*
David Barnes *harmónica*
Mark Peterson *baixo elétrico*
Aubrey Dayle *bateria*

© Julia Wesely

© Caroline Forbes

2 AGOSTO | SÁBADO
Evan Parker & Matthew Shipp
Reino Unido / EUA

Evan Parker *saxofone tenor*
Matthew Shipp *piano*

© Barbara Rigon

3 AGOSTO | DOMINGO
Marc Ribot Ceramic Dog
EUA

Marc Ribot *guitarra elétrica*
Shahzad Ismaily *baixo elétrico, eletrónica*
Ches Smith *bateria*

© Maarit Kythärju

4 AGOSTO | SEGUNDA
Marc Ducret Real Thing #3
França

Marc Ducret *guitarra elétrica*
Fidel Fourneyron *trombone*
Matthias Mahler *trombone*
Alexis Persigan *trombone*
Antonin Rayon *piano*
Sylvain Lemêtre *vibrafone, marimba e percussões*

© Nuno Martins

5 AGOSTO | TERÇA
Luís Lopes Lisbon Berlin Trio
Portugal / Alemanha

Luís Lopes *guitarra elétrica*
Robert Landfermann *contrabaixo*
Christian Lillinger *bateria*

© DR

6 AGOSTO | QUARTA
Franz Hautzinger Big Rain
Áustria / Japão / EUA

Franz Hautzinger *trompete quartertone*
Keiji Haino *guitarra elétrica, voz*
Jamaaladeen Tacuma *baixo elétrico*
Hamid Drake *bateria*

© DR

7 AGOSTO | QUINTA
Fred Frith / Joëlle Léandre / Hamid Drake
Reino Unido / França / EUA

Fred Frith *guitarra elétrica*
Joëlle Léandre *contrabaixo*
Hamid Drake *bateria*

8 AGOSTO | SEXTA
MMM Quartet
França / Reino Unido / Suíça / EUA

Joëlle Léandre *contrabaixo e voz*
Fred Frith *guitarra elétrica*
Urs Leimgruber *saxofone tenor e soprano*
Alvin Curran *piano e eletrónica*

9 AGOSTO | SÁBADO
Massacre
Reino Unido / EUA

Fred Frith *guitarra elétrica*
Bill Laswell *baixo elétrico*
Charles Hayward *bateria*
Oz Fritz *processamento de som*

10 AGOSTO | DOMINGO
L.U.M.E. — Lisbon Underground Music Ensemble
Portugal

Marco Barroso *composição, direção e piano*
Manuel Luís Cochofel *flauta*
Paulo Gaspar *clarinete*
Jorge Reis *saxofone soprano*
João Pedro Silva *saxofone alto*
José Menezes *saxofone tenor*
Elmano Coelho *saxofone barítono*
Jorge Almeida *trompete*
Gonçalo Marques *trompete*
Pedro Monteiro *trompete*
Luís Cunha *trombone*
Eduardo Lála *trombone*
Pedro Canhoto *trombone*
Miguel Amado *baixo elétrico*
André Sousa Machado *bateria*

O Jazz no grande ecrã

A 31.ª edição do Jazz em Agosto também vai contar com uma mostra de cinema documental dedicado ao jazz, incluindo **The Soul of a Man**, de Wim Wenders, da série *The Blues*, produzida por Martin Scorsese, e o concerto de **Terje Rypdal & The Chasers**, gravado na 2.ª edição do Jazz em Agosto em 1985. ■

Terje Rypdal & The Chasers no Jazz em Agosto 1985 (1h41'), Oliveira Costa

Cinema Programa
Auditório 3 | 18h

2 + 3 AGOSTO | SÁBADO E DOMINGO
The Soul of a Man 2003 (1h40')
Wim Wenders *realização*
Martin Scorsese *produção*

6 AGOSTO | QUARTA
The Breath Courses Through us 2014 (1h15')
Alan Roth *realização*
Martin Scorsese *produção*

7 AGOSTO | QUINTA
Dancing to a Different Drummer 1993 - 94 (1h22')
Julian Benedikt *realização e produção*

8 AGOSTO | SEXTA
BasseContinue 2008 (2h20')
Christine Baudillon *realização*
Hors Oeil Editions *produção*

9 AGOSTO | SÁBADO
Step across the Border 1990 (1h24')
Nicolas Humbert e Werner Penzel *realização*
Res Balzli *produção*

10 AGOSTO | DOMINGO
Terje Rypdal & The Chasers no Jazz em Agosto 1985 (1h41')
Oliveira Costa *realização*
Arquivo RTP

Aspeto da exposição © Paulo Costa

Túlia Saldanha

O Centro de Arte Moderna apresenta uma exposição de Túlia Saldanha (1930-1988), artista desconhecida para muitos, mas cujo trabalho acompanhou uma época vibrante que se abriu à experimentação e a uma relação estreita entre as experiências da arte e da vida.

Prova disso foi a sua expressiva participação numa das exposições mais marcantes do século XX em Portugal, organizada por Ernesto de Sousa em 1977, a célebre *Alternativa Zero*, que corporizou esse momento de experimentação artística em Portugal.

Iniciando tardiamente a sua formação no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a cuja direção pertenceu, Túlia Saldanha explorou os meios da instalação, da criação de ambientes, da *performance*, do desenho e da pintura. Os critérios que levaram à reconstrução de algumas das suas obras para esta mostra prenderam-se com a existência de projetos, assinados ou datados, com a descrição dos materiais e instruções de construção e montagem da própria artista. Túlia concebeu e realizou instalações efémeras com várias versões, dando resposta a vários contextos espaciais, mas também testemunhando momentos criativos distintos. A artista reuniu objetos que foi transformando, secando, queimando e pintando de preto (um preto mate que se confunde intencionalmente com o queimado), e que utilizou em diferentes obras. São mostradas algumas dessas peças produzidas sob o signo do negro, como as salas, as mesas-objeto queimadas, as malas de viagem e as caixas-piqueniques. São também exibidas as grandes telas realizadas a partir de 1984, que revelam um movimento explosivo, bem como alguns desenhos. Pode ainda encontrar-se um núcleo dedicado aos trabalhos coletivos, como as ações que realizou com o escultor Robert Schad nas *100 horas a desenhar*, em 1981, e nas *33 horas a desenhar*, em 1983, projeto que contou com a participação do público. ■

Túlia Saldanha
Até 28 setembro
Curadoria: Liliana Coutinho e Rita Fabiana
CAM

Aspeto da exposição © Paulo Costa

Arshile Gorky e a Coleção

O CAM apresenta uma nova montagem da sua coleção, orientada segundo quatro grandes tópicos: o Retrato, a Natureza-Morta, o Surrealismo e a Abstração.
Obras de artistas tão variados como Fernand Léger, Amadeo de Souza-Cardoso, Maria Helena Vieira da Silva, Georges Bissière, António Pedro, Ervand Kotchar, Mário Cesariny, Menez ou Paula Rego, entre outros, entram em diálogo com a obra de Arshile Gorky, artista americano de origem arménia que ocupa um lugar destacado na história do modernismo norte-americano e da arte ocidental do século XX.
Autodidata, a obra inicial de Gorky seguiu os temas tradicionais da natureza-morta e do retrato na exploração de algumas das principais questões da arte moderna, de que foi incansável divulgador. No Surrealismo encontra os instrumentos expressivos essenciais à revelação da sua voz interior que, na década de 1940, ganha características únicas e o leva a produzir obras que estão na origem do expressionismo abstrato americano, a primeira grande corrente internacional da arte americana. ■

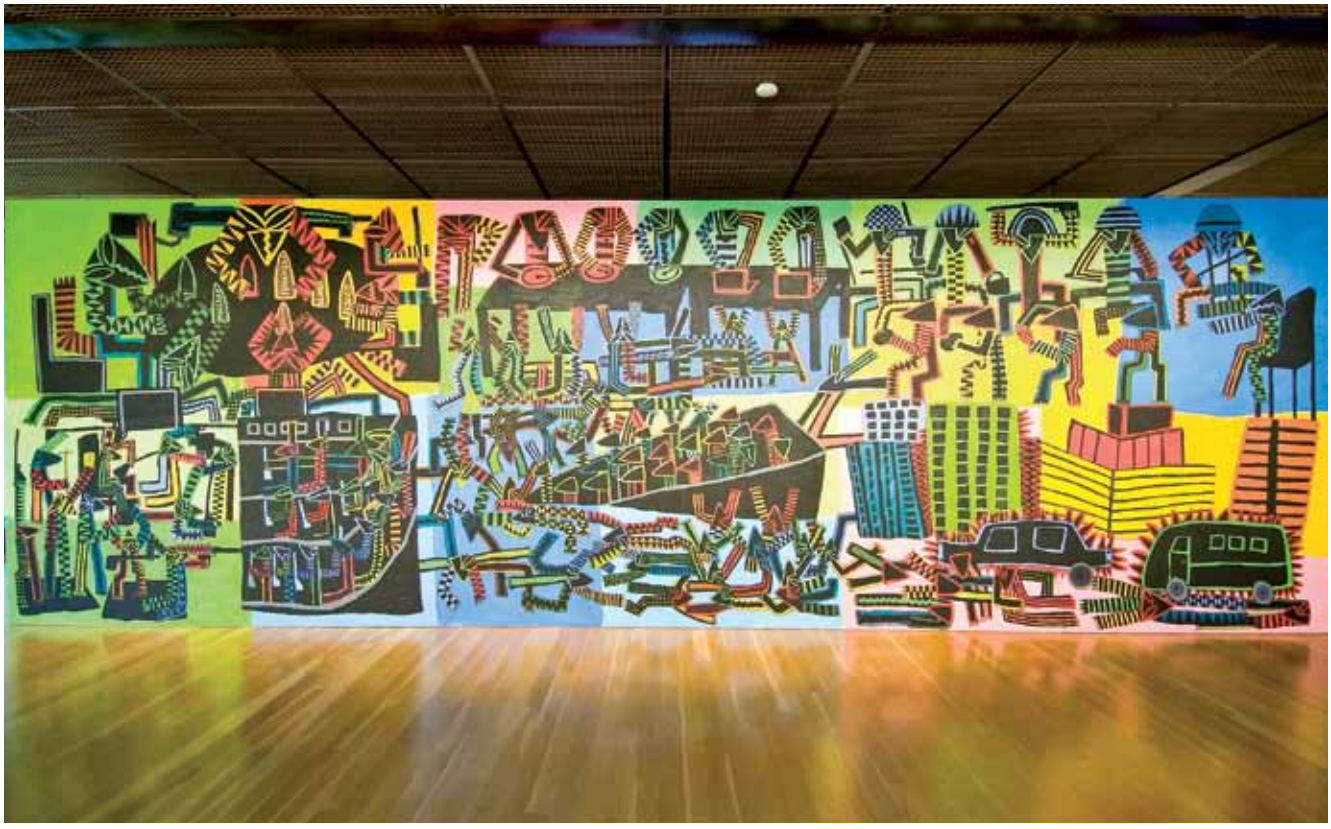
Arshile Gorky e a Coleção
Até 31 maio 2015
Curadoria: Ana Vasconcelos
CAM

Arshile Gorky, *O Jardim da Realização do Desejo*, 1944

CAM – Outras exposições

A Impossibilidade Poética de Conter o Infinito
Edgar Martins
Até 7 setembro
Curadoria: Leonor Nazaré
Edifício Sede (Piso 01)

Daqui parece uma montanha
Artistas contemporâneos austríacos, dinamarqueses e portugueses
Até 21 setembro
Curadoria: Luísa Santos
CAM



O Mundo dos Contrastes, mural de Celestino Mudaulane pintado *in loco* (junho 2014). © Márcia Lessa

Artistas do Próximo Futuro

Comprometer-se quer dizer estar implicado com, responsabilizar-se e também cuidar de. Na exposição Artistas Comprometidos? Talvez, que integra a programação do Próximo Futuro, este compromisso pode assumir "uma forma declaradamente ativa e performática mas também uma forma submersa, discreta, em que o autor se resguarda para mostrar apenas o que realiza", afirma o curador, António Pinto Ribeiro. O convite feito a 21 artistas que atuam no mundo contemporâneo, recorrendo a suportes, linguagens e técnicas diversas, resultou numa mostra que transpõe as paredes da galeria, marcando presença também no Jardim.

Artistas Comprometidos? Talvez
Até 7 setembro
Curadoria: António Pinto Ribeiro
Edifício Sede (Piso 0)

Também como parte integrante do Próximo Futuro, até 29 de setembro vai permanecer no Jardim Gulbenkian o Totem, um paralelepípedo espelhado construído propositadamente para acolher a Festa da Literatura e do Pensamento da América Latina, que decorreu no final de junho. Com esta composição arquitetónica, os seus criadores, Tiago Rebelo de Andrade e Diogo Ramalho (Ateliê Subvert), transportam-nos para uma outra dimensão, através de uma representação abstrata da América do Sul, das suas cores, texturas e sons. ■

Totem © Tatiana Macedo

Outras exposições

Jean Antoine Watteau (1684-1721), *Três Estudos da cabeça de uma jovem*

O Traço e a Cor
Desenhos e Aguarelas
na Coleção Calouste Gulbenkian
Até 21 setembro
Curadoria: Manuela Fidalgo
Museu Calouste Gulbenkian
Sala de Exposições Temporárias

Rembrandt Harmensz van Rijn (1606-1669). *Figura de Velho.*

Paula Rego (1935). O Tempo Passado e Presente, 1990

Meeting Point
Rembrandt e Paula Rego em diálogo no Museu Gulbenkian
Até 21 setembro
Curadoria: Helena de Freitas
Museu Calouste Gulbenkian

Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian

A mais recente publicação do Museu Gulbenkian é inteiramente dedicada a um dos núcleos menos divulgados da sua coleção: o dos desenhos e aguarelas. Com cerca de duas centenas de páginas e textos da autoria da Manuela Fidalgo, conservadora do Museu Gulbenkian, a edição intitula-se *Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian* e enquadra este conjunto de obras numa viagem pela arte do desenho, desde o século XVI ao século XX.

No texto de introdução, João Castel-Branco Pereira, diretor do Museu Gulbenkian, refere que, apesar de não constituírem uma prioridade nas escolhas do colecionador, "é possível identificar algumas obras maiores do desenho e da aguarela europeus que evidenciam de novo, com uma lógica natural e quase orgânica, as idiossincrasias de Calouste Gulbenkian como colecionador: o gosto pela perfeição do génio humano e pelo sentido tátil das imagens". Do mesmo modo, no capítulo inicial da publicação, intitulado "Calouste Gulbenkian e a Arte do Desenho", Manuela Fidalgo observa que, embora o pequeno núcleo de desenhos adquirido pelo Colecionador não se possa equiparar aos mais destacados conjuntos da sua coleção, "inclui obras maiores de mestres conceituados, como Dürer, Watteau, Boucher, Millet, entre outros, a que a sensibilidade e os conhecimentos artísticos do Colecionador não ficaram indiferentes".

O próprio Calouste Gulbenkian escreveu: "Devo confessar que, possuindo a pintura, não me sinto muito atraído pelo desenho. No entanto, se ele for de qualidade excecional e de grande beleza, pode ser que volte a repensar o assunto." As obras que compõem este núcleo são a prova de que Calouste Gulbenkian repensou o assunto, facto bem revelador do seu singular perfil de colecionador, para quem somente o melhor interessava.

Raramente expostas por questões de conservação, sobretudo após algumas delas terem sido atingidas pelas cheias catastróficas de 1967, quando se encontravam depositadas no Palácio de Pombal, em Oeiras, uma das regiões mais atingidas pelo dilúvio, estas obras são agora apresentadas, no seu conjunto na exposição *O Traço e a Cor. Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian*, atualmente patente na Sala de Exposições Temporárias do Museu até dia 21 de setembro.

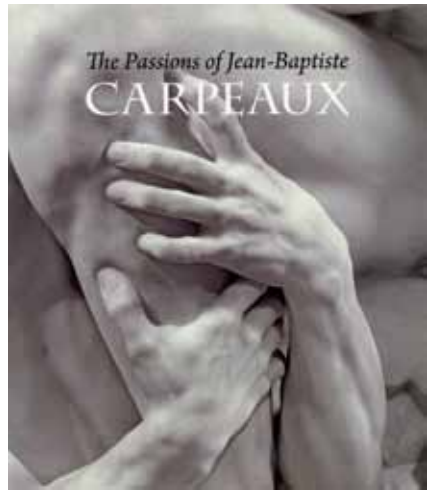
Esta publicação constitui um complemento indispensável à exposição, juntando-se a outras edições já existentes sobre núcleos distintos da coleção do Museu como o de moedas gregas, arte egípcia, gemas, vidros da dinastia mameluca, pintura, escultura europeia, medalhas, louça e azulejos de Iznik, porcelanas da China, mobiliário francês do século XVIII e joias e vidros de René Lalique. ■

Catálogos de Exposições na

Biblioteca de Arte

Talvez a obra de Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875) não seja atualmente tão conhecida e apreciada como o foi durante os seus breves e atormentados 48 anos de vida. Contudo, a par com o seu compatriota Auguste Rodin (1840-1917), Carpeaux foi um dos mais extraordinários escultores do século XIX. E é sobre a sua obra que o Metropolitan Museum of Art (MET, Nova Iorque) e o Musée d'Orsay (Paris) prepararam uma grande retrospetiva que, depois de ter sido inaugurada no MET, poderá ser visitada, até 28 de setembro, no museu parisiense. Organizada em parceria, esta exposição reúne mais de 150 trabalhos do escultor, não só peças em mármore e bronze – como a celebrada *Ugolino e seus filhos* (1865-67) – e trabalhos preparatórios em terracota e gesso – entre os quais os que o artista realizou para o polémico grupo escultórico *A Dança* (1869), que está na fachada da Ópera de Paris, projeto de Charles Garnier –, mas também desenhos (alguns recentemente descobertos) e ainda algumas telas.

Se um catálogo muito dificilmente consegue substituir a fruição estética que a observação direta de obras de arte é capaz de provocar no espetador, pode permitir-lhe, no entanto, aprofundar ou mesmo descobrir outros aspetos relacionados com a criação artística. É o caso deste catálogo, que tem duas versões: uma em inglês, publicada pelo MET, com distribuição da Yale University Press (que pode ser consultada na Biblioteca de Arte); e outra em francês, edição do Musée d'Orsay (MO) e distribuição da Gallimard. Em ambas, os responsáveis são os dois curadores da exposição, James David Draper, do departamento de escultura europeia do MET, e Edouard Papet, curador principal da escultura no MO. Aos seus ensaios juntam-se outros, de mais cinco investigadores e historiadores de arte, que em cinco partes – com vários subcapítulos – analisam e abordam diversas perspetivas da obra de Jean-Baptiste Carpeaux e da sua tormentosa vida, no contexto da França do II Império (1852-1871). Completam o catálogo a lista das obras expostas, uma cronologia exaustiva, uma bibliografia selecionada e 350 ilustrações a cores. ■



Não é muito frequente a realização de exposições que juntem num mesmo espaço obras de arte com banda desenhada. Mas, entre maio e setembro de 2009, essa reunião aconteceu na Maison rouge, da Fondation Antoine de Galbert, em Paris, e colocou lado a lado cerca de 50 obras de arte contemporânea de artistas de origens geográficas e gerações diferentes, como Erró (n. 1932), Wang Du (n. 1956), Gilles Barbier (n. 1965), Takashi Murakami (n. 1962), Wim Delvoye (n. 1965). Alain Séchas (n. 1955), Roy Lichtenstein (1923-1997) e Bertrand Lavier (n. 1949), com 200 pranchas originais de banda desenhada. No catálogo que dela ficou, David Rosenberg e Pierre Stercky, que conceberam e organizaram esta exposição, afirmam que uma das suas motivações foi mostrar como, para além dos seus fiéis leitores, personagens e heróis mais queridos e populares da 9.ª arte, como Little Nemo, Yellow Kid, Tintin e Milou, Blake e Mortimer, Superman, Astérix, Mickey Mouse, Blueberry, Astro Boy, foram igualmente fonte de inspiração para alguns artistas contemporâneos. O catálogo, concebido graficamente quase como um álbum de BD, tem 14 capítulos, cada um com um texto de introdução e com reproduções das obras de arte e das pranchas. ■

Biblioteca de Arte
Rural architecture in the Chinese taste

O fascínio dos europeus pelo Oriente em geral, e pelo Império do Meio em particular, remontará ao final do século XIII, quando as deambulações do mercador italiano Marco Polo pelo continente asiático se tornaram conhecidas através do *Livro das Maravilhas do Mundo*. O espanto e a curiosidade que despertaram os relatos e as descrições da corte de Kublai Khan e dos seus súbditos aumentaram no início do século XVI, quando os navegadores portugueses ao serviço de el-rei D. Manuel chegaram ao Sul da China, corria o ano da graça de 1513.

Com a descoberta do caminho marítimo, primeiro para a Índia e, posteriormente, para todo o Sudoeste asiático, os portugueses alteraram os princípios do comércio de objetos de luxo que, durante séculos, chegaram à Europa pela Rota da Seda. Se esses produtos requintados – seda, pedras preciosas, especiarias, porcelanas, mobiliário, tecidos – eram muito apreciados, eram também muito caros porque chegavam em pequenas quantidades, estando apenas ao alcance das bolsas mais abastadas. Os mercadores portugueses trouxeram uma espécie de banalização daqueles produtos, que passaram a circular pelo espaço europeu não só em maior número, como também a preços mais acessíveis. Não se pense, porém, que o fascínio pelo Oriente esmoreceu, embora no imaginário dos europeus se misturassem regiões geográficas e culturas tão distintas como as do subcontinente indiano, da Pérsia, da China e do Japão. Pelo contrário, a variedade e o exotismo das formas, cores, texturas e padrões vindos do "mundo de lá" acabaram por originar na Europa a criação de um gosto estético que se estendeu das artes decorativas à arquitetura e à arte dos jardins, e que foi designado por *chinoiserie* (a partir do francês *chinois*, chinês).

Em termos historiográficos, não existe uma uniformidade de opiniões quanto aos limites temporais da *chinoiserie* e à sua delimitação conceptual, contudo, pode situar-se entre o século XVI e o final do XVIII. Relativamente a uma definição do termo, segundo o historiador de arte António Filipe Pimentel, "a *chinoiserie* é, na essência, um produto europeu assente na reinterpretação da arte oriental, a partir de um prisma desfocado, onde a China surge como *topos* para tudo o que se abriga no continente asiático..."*. Esta moda teve, todavia, impactos diferenciados e foi em países como a França e a Inglaterra, por exemplo, que mais se generalizou e atingiu o seu maior refinamento, sobretudo na segunda metade de Setecentos.

Publicada em Londres em 1755, com a indicação de ser a terceira edição, com o título geral *Rural architecture in the Chinese taste: being designs entirely new for the decoration of gardens, parks, forrests, insides of houses, & c.,...*, esta obra é composta, na verdade, por quatro partes, cada uma com um título e data diferentes: 1750, 1751, 1751 e 1752; a I e a II partes têm um pequeno prefácio e as duas restantes apenas gravuras e respetivas legendas. Sobre a vida do seu autor, William Halfpenny – aliás, Michael Hoare –, a informação é escassa, sabendo-se que publicou o primeiro livro em 1724, que se autodescreveu como "arquiteto e carpinteiro" e que faleceu em 1755. Ao contrário do arquiteto Sir William Chambers (1723-1796), cuja obra *Designs of Chinese Buildings* (1757) foi escrita depois de viajar pelo Oriente, Halfpenny escreveu este e mais dois livros sobre como construir "ao gosto chinês" (em colaboração com o filho John Halfpenny) sem nunca ter saído das ilhas britânicas. Isto não impediu que, como escreveu no prefácio da II parte desta obra, "os seus primeiros ensaios sobre arquitetura chinesa tivessem sido bem recebidos pelo público" encorajando-o a continuar. Na realidade, os escritos de Halfpenny parecem ter sido pioneiros na popularização da *chinoiserie* em Inglaterra, até porque eram sobretudo uma espécie de manuais práticos de construção. O exemplar da Biblioteca de Arte pertenceu à biblioteca particular de Calouste Gulbenkian. ■ **Ana Barata**

* "Do Portugal exótico ao exotismo europeu: o fenómeno da *chinoiserie* em Portugal", in *O exótico nunca está em casa?*, Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 2013, p. 98.

TÍTULO/RESP Rural architecture in the Chinese taste: being designs entirely new for the decoration of gardens, parks, forrests [sic], insides of houses & c. on sixty copper plates with full instructions for workmen... / the whole invented and drawn by Willm. and Jn. Halfpenny Architects
EDIÇÃO 3rd. ed. with the adition of 4 plates... of roofs for chinese & Indian temples...
PUBLICAÇÃO London: Robert Sayer, 1755
DESCR. FÍSICA [32] p., [64] f. il. : il., estampas ; 21 cm
NOTAS Obra dividida em 4 partes, com títulos distintos: New designs for chinese temples (1750); New designs for chinese bridges (1751); New designs for chinese doors (1751); New designs for chinese gates (1752).
PROVENIÊNCIA Colecção Calouste Gulbenkian – Documentação
COTA(S) AAT 4

Rural Architecture
in the
Chinese Taste,

Being Designs Entirely New
for the Decoration of
Gardens, Parks, Forrests, Insides of Houses &c.
on Sixty Copper Plates
with full Instructions for Workmen

ALSO

A near Estimate of the Charge?
and Hints where proper to be Erected?

the Whole Invented & Drawn by

Will.m & In.n Halfpenny Architects.

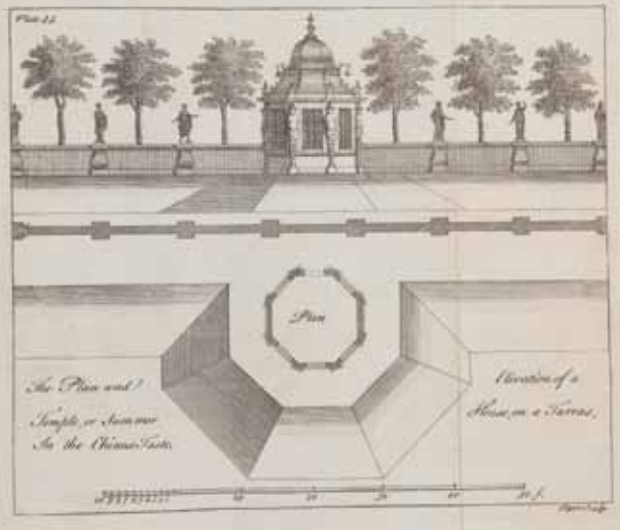
The 3.d Edition.

With the Addition of 4 Plates in Quarto, of Roofs for Chinese & Indian Temples, the manner of fixing their Ornaments, Covering and carrying off the Water, their Cornices with the Several Members adjusted to regular Proportion.

LONDON, 1755.

Printed for Rob.t Sayer, at the Golden Buck, opposite Fetter Lane, Fleetstreet.

28.10.35



01 — 10 / JAZZ EM AGOSTO 2014 / LISBOA

THE EJN AWARD 2014

Jazz em agosto 2014

GULBENKIAN MÚSICA

Evan Parker

Matthew Shipp

Marc Ribot

Fred Frith

James 'Blood' Ulmer

Bill Laswell

e mais

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

MUSICA.GULBENKIAN.PT/JAZZ